

ANTÓNIO COVAS

O Sexto Continente A Nação-Internet

A Grande Bifurcação da Era Digital



EDIÇÕES SÍLABO

O Sexto Continente

A Nação-Internet

A Grande Bifurcação da Era Digital

António Covas

EDIÇÕES SÍLABO

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio gráfico, eletrónico ou mecânico, inclusive fotocópia, este livro. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor.

Não participe ou encoraje a pirataria eletrónica de materiais protegidos. O seu apoio aos direitos dos autores será apreciado.

Visite a Sílabo na rede
www.silabo.pt

FICHA TÉCNICA

Título: O Sexto Continente – A Nação-Internet

Autor: António Covas

© Edições Sílabo, Lda.

Capa: Pedro Mota

1ª Edição – Lisboa, novembro de 2018.

Impressão e acabamentos: ARTIPOL – Artes Tipográficas, Lda.

Depósito Legal: 447586/18

ISBN: 978-972-618-978-7

 **EDIÇÕES SÍLABO, Lda.**
Publicamos conhecimento

Editor: Manuel Robalo

R. Cidade de Manchester, 2

1170-100 Lisboa

Tel.: 218130345

e-mail: silabo@silabo.pt

www.silabo.pt

Índice

Introdução – O sexto continente, o mito libertário da Internet e a grande bifurcação da era digital	7
--	---

O Sexto Continente

1. Vem aí a sociedade algorítmica	13
2. A minha vida <i>uberizada</i> !	16
3. O regresso do <i>homem dos sete ofícios</i>	18
4. Vêm aí os <i>pronetários das plataformas</i>	24
5. As tecnologias, as redes digitais e a ilusão isotrópica	29
6. A desterritorialização e a extraterritorialidade	34
7. Atenção, está aí a <i>(i)conomia</i> !	38
8. Eu, o meu algoritmo e o <i>Big Data</i>	45
9. Vem aí o futuro: sensores e censores!?	50
10. É a <i>smartificação</i> , estúpido!!!	55
11. Vem aí o admirável mundo novo!!	62
12. Inteligência artificial, o diálogo improvável	67
13. O panótico e a novilíngua	72
14. A emergência do 4º setor	80
15. A caixa de Pandora e a lâmpada de Aladino	88
16. Das TIC aos TIC	94
17. Os territórios digitais, o decálogo da <i>smartificação</i>	100
18. A transição digital e as cadeias de valor	104
19. As cidades distritais inteligentes	108

20. Ambientes inteligentes e territórios em risco	112
21. As grandes transições, convergência e divergência	119
22. Acessibilidade digital e valorização do interior	128
23. Territórios inteligentes e governo dos comuns	137
24. <i>O movimento starting up</i> e o capitalismo das pequenas plataformas	147
25. A economia das plataformas e do estado-plataforma	156
26. É a inteligência artificial, estúpido!!	165
27. As instituições do ensino superior como instituições-plataforma	172
28. A mão invisível dos algoritmos	179
29. A realidade paradoxal e a tragédia dos comuns	186
30. A ideologia do risco digital	194
Notas gerais finais	201

Introdução

O sexto continente, o mito libertário da Internet e a grande bifurcação da era digital

A Internet, pela sua dimensão e projeção, é uma espécie de sexto continente, mas, como sempre, constituído por sub-regiões muito heterogêneas. No início afirmou-se o mito libertário da Internet, uma «Internet primordial» ao serviço dos cidadãos, de uma sociedade inter pares e dos seus bens comuns colaborativos. Porém, muito rapidamente, assistimos à emergência de uma Internet das grandes plataformas tecnológicas ao serviço do hipercapitalismo e dos grandes predadores dos chamados mercados biface. À nação-Internet falta, digamos, uma «classe média digital» para democratizar o sexto continente. Com efeito, neste momento a nação-Internet passa por uma grande bifurcação. De um lado, a multidão, os cidadãos utilizadores, cidadãos anónimos e inocentes que aceitaram uma servidão voluntária e foram capturados por um número crescente de dispositivos tecnológicos, de outro, os gigantes tecnológicos administrando uma imensa economia das multidões e gerando lucros monumentais que canalizam para paraísos fiscais e sociedades *offshores*. Meio século depois, o mito libertário da Internet já se esfumou. O problema hoje – que na sua essência é um problema de extraterritorialidade e repartição do poder – reside em saber, em primeiro lugar, como regular estes mercados biface emergentes em benefício das sociedades e dos seus cidadãos e, em segundo lugar, como regressar a uma Internet primordial, bem distribuída, que nos possa conduzir até à sociedade colaborativa, aos ambientes inteligentes e aos bens comuns da humanidade enquanto

instrumento de realização dos direitos fundamentais, se quisermos, uma espécie de nova fronteira para o direito constitucional.

No futuro próximo a evolução mais interessante dirá respeito às variadas formas de bifurcação da era digital, por exemplo, entre redes distribuídas e descentralizadas herdeiras de uma Internet primordial, colaborativa e cidadã, por um lado, e redes centralizadas ao serviço de um hipercapitalismo das grandes plataformas tecnológicas e empresariais, por outro.

No plano concetual, as redes sociais sempre existiram, o que muda, agora, é a compressão espaço-temporal e a fenomenologia da interação. Isto é, na era digital estamos a fazer o caminho que nos levará da democracia representativa à democracia participativa e desta à democracia interativa. Assim, quanto maior for o espaço ocupado pelas redes distribuídas maior será a conetividade e a interatividade entre os cidadãos. A fenomenologia da interação significa que tudo muda a todo o momento e que as regras prévias que enquadram a representação e a participação não resistem à dinâmica desconstrutiva e reconstrutiva da interação permanente. No final, a eficácia, a eficiência e a equidade de uma organização social e de uma nação-estado dependerão, em cada momento, do equilíbrio dinâmico entre estas três geografias e geometrias democráticas.

É aqui que nos encontramos hoje. A virtualização da sociedade pelas tecnologias digitais, a *uberização* e a *plataformização* das atividades, a inteligência artificial e a robotização das operações, a *smartificação* dos ambientes e dos territórios, a pluriatividade e o plurirrendimento dos mercados de trabalho, a emergência de um imenso quarto setor colaborativo e solidário, todos estes fatores de inovação acrescentam realidade à realidade já existente (realidade aumentada), inteligência à inteligência já existente (inteligência artificial) e homem ao homem já existente (homem aumentado).

A bifurcação da era digital significa, ainda, que temos pela frente uma batalha gigantesca, qual seja, a de estreitar o abismo que se abre entre sociedades e territórios com e sem acesso às tecnologias digitais, mas, também, entre sociedades e territórios com e sem humanidade. Em pano de fundo, a mesma matéria-prima e os mesmos transformadores. Falo dos dados infra-pessoais, a nossa pegada digital, e dos seus

processadores universais, os algoritmos. É a sociedade algorítmica que chega.

Um longo caminho espera a nação-Internet antes de se tornar «independente». Até lá a nação-Internet continuará a ser colonizada pelos grandes conglomerados tecnológicos que usarão e abusarão da sua posição dominante para afirmar o princípio da extraterritorialidade. Nessa trajetória, mais ou menos longa, continuaremos a ser, muito provavelmente, os idiotas úteis dos mercados biface que somos hoje e enquanto os níveis de «adição digital» não baixarem vamos continuar a acreditar que temos acesso direto à realidade e à verdade, sem necessidade de qualquer tipo de intermediação ou representação política, pois tudo o que é necessário já estará nos nossos «menus de aplicações».

Muito provavelmente, a próxima colisão desta revolução tecnológica será a propósito das políticas regulatórias para os mercados digitais. Neste sentido, os conglomerados tecnológicos não devem abusar da sua vertente extraterritorial nem subestimar os poderes do estado-administração em lidar com a revolução digital. Se do lado das grandes plataformas se pode falar em «colonização digital», cuidado, pois do lado dos estados nacionais pode haver a tentação de «balcanização da Internet», isto é, de circunscrever uma Internet nacional de acordo com a lei, a idiosincrasia e a cultura nacionais.

Os textos que se seguem são artigos de opinião publicados nos jornais *online* Observador, Público e Sul Informação durante os anos de 2017 e 2018. Os trinta (30) artigos escolhidos estão alinhados por ordem cronológica tal como foram publicados nos três jornais e são, digamos, uma primeira abordagem a estes tópicos de reflexão que eu poderia reagrupar em três grandes blocos: o indivíduo-cidadão confrontado com a guerra das inteligências e a emergência da sociedade algorítmica, a economia e o estado confrontados com os processos de *uberização e plataformação*, finalmente, o território e os ambientes inteligentes no âmbito da chamada *smartificação* do território.

Aqui chegado, devo uma explicação ao leitor. Como os artigos não foram pensados em sequência lógica, há, inevitavelmente, alguns textos reciclados e, portanto, algumas repetições que o leitor perdoará. Por esse facto, porém, as minhas desculpas.

Nesta longa viagem que é a aventura humana, depois da mão divina do criador e da mão invisível do mercado, quase sempre em íntima cumplicidade com a mão visível e pesada do grande leviatã-estado, desejo aos leitores uma boa viagem à sociedade do *Big Data* acompanhado pela mão invisível dos algoritmos.

O Sexto Continente

1

Vem aí a sociedade algorítmica

(*Observador*, 01.01.2017)

Um livro recente do filósofo francês *Bernard Stiegler*, acerca da sociedade automática e das consequências da automatização sobre a organização social do emprego e do trabalho (Fayard, 2015), suscitou-me algumas reflexões que passo a partilhar com o leitor.

- A revolução digital confunde-se, cada vez mais, com o advento da sociedade automática e da automatização, se quisermos, dos procedimentos de cálculo automático ou sociedade algorítmica. De que trata, então, a «governança algorítmica»? De plataformas tecnológicas, de redes sociais, de dados brutos extraídos dessas redes sob a forma de sinais infrapessoais, de procedimentos de cálculo e correlações estatísticas sob a forma de padrões de comportamento.
- No plano estrutural, a sociedade algorítmica alimenta-se de uma cibercultura, de um vasto ambiente informacional, da hiper inteligência dos dispositivos tecnológicos (a *smartificação*), da gestão do *Big Data* e do *Cloud Computing* e, obviamente, da «adição digital» provocada junto dos utilizadores.
- No plano do conhecimento, a sociedade algorítmica «sabe lidar melhor» com a complexidade, essa é «a sua verdade», isto é, uma objetividade totalmente colada ao real, produzida em tempo real e sucessivamente reconfigurada por uma massa imensa de dados permanentemente atualizados.
- No plano operacional, o sistema *Big Data* faz a limpeza, triagem, categorização e cálculo algorítmico dos dados. Não interessa o contexto, a singularidade, a significação desses dados. Os indivíduos são «agregados temporários de dados brutos», quantificáveis e sucessivamente reconfigurados a uma escala indus-

trial, se quisermos, uma espécie de coisificação dos indivíduos; tudo fica indexado a um qualquer indicador quantitativo, para os fins da sociedade hipercompetitiva e performativa.

- No plano da teoria crítica, estamos perante uma espécie de «modelo extrativista» em que os cidadãos internautas, utilizadores de redes e plataformas, são produtores e fornecedores de uma gigantesca massa de informação pessoal, muita dela subliminar, num ambiente informacional vertiginoso e hipnótico, que tem tanto de benignidade como de toxicidade.
- No plano da relação de poder, a sociedade algorítmica é, aparentemente, uma nova forma de gerir a incerteza e a insegurança políticas; todavia, ela procede por inversão dos termos da equação, isto é, são os meios (o sistema técnico e tecnológico) que tomam conta dos fins; como a inovação política e social corre muito mais lentamente há o risco de ficar prisioneira da elevada toxicidade da sociedade algorítmica.
- No plano das métricas territoriais, a sociedade algorítmica permite-nos introduzir e distinguir duas métricas importantes: a métrica dos territórios-zona (T-Z) e a métrica dos territórios-rede (T-R). A primeira reporta-se ao poder vertical dos territórios convencionais, a segunda ao poder horizontal ou lateral dos territórios inteligentes que cultivam a inteligência coletiva por intermédio das novas plataformas digitais. As plataformas colaborativas e a economia dos bens comuns são uma esperança para todos os territórios, sobretudo os mais desfavorecidos.
- No plano cognitivo do saber-concetual, a sociedade algorítmica, na sua exuberância calculatória, transforma os algoritmos em próteses cognitivas, que provocam não apenas a exteriorização do saber, mas, também, a proletarização de algumas/muitas classes profissionais e intelectuais. A sociedade algorítmica é, portanto, uma sociedade altamente paradoxal com inúmeros conflitos políticos e societais no horizonte próximo.
- No plano do sujeito individual, os nossos «duplos algorítmicos» podem ser muito úteis se os soubermos manipular em nosso benefício; no resto, o nosso rasto, a nossa traçabilidade, serão explorados exaustivamente em ordem a produzir padrões supra indivi-

duais que «antecipam e orientam» o nosso comportamento, tudo garantido pela racionalidade algorítmica.

- No plano da organização social do emprego e do trabalho, a sociedade algorítmica da automatização é uma tecnologia verdadeiramente disruptiva, isto é, cria a breve prazo um forte desemprego estrutural. Mas é também uma grande oportunidade para a inovação social e política que chegará, estou certo, à boleia da sociedade automática e algorítmica.

Nota final

Chegados aqui, estou certo de que por detrás da exuberância tecnológica, da economia das aplicações e dos «empreendedores *startups*» há uma revolução silenciosa em curso, a revolução do bom senso, da inteligência coletiva e da convivialidade. Por isso, está em curso, também, a sociedade colaborativa, a economia do 4.º setor (o dom, o voluntariado, a comunhão, a contribuição), a organização dos bens comuns colaborativos, as moedas sociais e complementares, a inteligência coletiva territorial e a formação de atores-rede, o rendimento básico de existência (a grande utopia do século XXI), a plena aplicação dos princípios da economia circular e uma nova organização do trabalho profundamente criativa e inovadora.

Em tempo de cibercultura, sociedade automática e governação algorítmica, há um debate essencial que está por fazer, qual seja, aquele que se refere às relações de causalidade entre a métrica das redes digitais e a métrica dos territórios hierárquicos, sobretudo político-administrativos, muito em especial os territórios mais remotos e desfavorecidos do interior do país. O que é que a sociedade digital, as comunidades *online* e a governação algorítmica podem fazer pelas comunidades reais deste país oculto? Abandonam, reocupam? Tere-mos de voltar mais vezes ao assunto.

2

A minha vida *uberizada*!

(Observador, 18.02.2017)

São 7 horas da manhã, acordo ao som da «Internet das coisas» (IOT). Tocam à porta, são os serviços de *baby-sitting* que tinha contratado a uma *startup* no dia anterior. Tocam de novo, é o *pet-sitting* um serviço para tratar dos animais. Enquanto tomo o pequeno almoço trato de encomendar *on-demand* as compras do hipermercado para entregar ao fim da tarde. De repente, o sensor IOT do esquentador diz-me que há uma fuga de gás, ligo o meu aplicativo «reparações» para um serviço especializado de canalização. Por causa deste pequeno incidente, contacto o meu espaço de *co-working* a dizer que vou chegar um pouco mais tarde. Enquanto aguardo pelo canalizador, aproveito para inscrever mais alguns ativos ociosos que tenho em casa na *start-up* de aluguer de objetos de ocasião, sempre é um suplemento de rendimento interessante. Faço o mesmo com o aluguer do meu carro particular que está com uma utilização frequente enquanto, do mesmo passo, chamo um carro da *start-up* local de serviços de táxi para ir até à praça principal. Aqui apanho uma boleia que consegui através da aplicação-boleias. Enquanto estou no táxi uso a aplicação-serviços domésticos e jardinagem para contratar este serviço lá para casa.

Chego ao espaço comunitário de *co-working* por volta das 10h30min. Neste espaço sou o responsável da economia *crowd*, isto é, do *crowd funding* de pequenos negócios, de *crowd sourcing* e *crowd learning* para as áreas de formação e ensino. Temos em curso uma nova *start-up* na área da IOT para a casa inteligente e estamos a negociar um financiamento participativo para o efeito. Na minha *aplicação-funding-lending* tenho toda a informação necessária.

À hora de almoço um colega sugere que encomendemos uma refeição típica do seu país natal, a refeição é pedida na aplicação de refeições ao domicílio. Depois do almoço tenho uma sessão via Skype

António Manuel Alinho Covas é doutor em assuntos europeus pela Universidade de Bruxelas e professor catedrático da Universidade do Algarve desde o ano 2000. Para além dos estudos europeus (treze livros publicados), o seu trabalho de investigação incide, muito especialmente, sobre as políticas do território e do mundo rural (catorze livros publicados) e, nos anos mais recentes, a sua atenção tem incidido, também, sobre as transformações da era digital e a forma como estas mutações afetam o governo das sociedades, o quotidiano dos cidadãos e a *smartificação* dos territórios. Os artigos agora publicados são um retrato muito lúcido destes novos temas e preocupações.

Partindo da metáfora nação-Internet, o autor aborda e perscruta um tema de importância crucial para o nosso futuro: a cultura digital e as relações complexas entre a tecnologia e a humanidade. A nação-Internet, que cresce como uma espécie de sexto continente, emerge de uma forma impressionante e impõe-se no nosso quotidiano. Como uma imensa *nuvem virtual* paira sobre o mundo físico dos restantes continentes. É difícil prever como estes dois universos, físico e virtual, irão coabitar e interagir no próximo futuro. Temos apenas sinais para podermos afirmar que nada ficará como dantes, até mesmo a evolução da nossa própria espécie que, em virtude da crescente hibridação homem-máquina, caminha em direção à imortalidade, seja lá o que isso for. Os textos presentes neste livro são pequenas luzes bruxuleantes no horizonte expansivo do sexto continente e visam criar um pequeno embrião de pensamento crítico reflexivo sobre tão importante assunto.

O Sexto Continente A Nação-Internet



ISBN 978-972-618-978-7



9 789726 189787